

**O RIO DE JANEIRO DE 1925,  
SOB O OLHAR DE VICTOR KLEMPERER**

*Irene Aron\**

**Abstract:** This article deals with the annotations made by Victor Klemperer, in the diary of his 1925 journey to Rio de Janeiro. His descriptions are shown to be pervaded by his constant attempt to analyse, to interpret objectively and to compare his observations with what he already knew, and not merely a protocol of his emotions and the impressions brought about by the newness and the exotism of his experiences during the journey.

**Keywords:** Testimonial literature: journals; Objectivity vs. subjectivity; Rationality vs. emotions.

**Zusammenfassung:** Der vorliegende Aufsatz handelt von den Aufzeichnungen Viktor Klemperers im Tagebuch seiner Reise nach Rio de Janeiro von 1925. Es wird herausgearbeitet, daß seine Beschreibungen nicht einfach seine Gefühle und Eindrücke angesichts der Neuheit und des Exotismus seiner Reiseerfahrungen wiedergeben, sondern durchdrungen sind von seinem beständigen Bemühen, zu analysieren, auf objektive Weise zu interpretieren und seine Beobachtungen mit schon Bekanntem zu vergleichen.

**Stichwörter:** Bekenntnisliteratur: Tagebuch; Objektivität vs. Subjektivität; Rationalität vs. Emotion.

**Palavras-chave:** Literatura testemunhal: diário; Objetividade vs. subjetividade; Razão vs. emoção.

Victor Klemperer seria hoje, com muita probabilidade, totalmente desconhecido, não fosse sua obsessão de escrever diários. Essa afirmação certamente não se aplicaria aos seus anos de atuação como professor

---

\* A autora é professora doutora do Departamento de Letras Modernas, Área de Alemão, da USP.

catedrático da Escola Técnica Superior de Dresden, na área de línguas e literaturas românicas, de 1920 a 1935, num primeiro período.

Nesses anos, Klemperer teve, sem dúvida, um lugar destacado entre os grandes nomes, a começar pelo de Karl Voßler, seu professor e mentor, e outros, como Curtius, Spitzer, Auerbach, embora a história tenha rendido a estes últimos nomes, num âmbito internacional, maiores homenagens e tributos. Klemperer mesmo chega a mencionar em seus diários o conflito de egos e vaidades que existia entre eles e o ciúme que nutria pela projeção que estes gozavam, que permanece, de certa forma, até hoje. No entanto, Klemperer é autor de estudos importantes, tais como os dois volumes sobre Montesquieu, de 1915, a *Moderna prosa francesa*, de 1923, os quatro volumes de *A literatura francesa de Napoleão até a época contemporânea*, de 1925 a 1931, *A moderna lírica francesa*, de 1929 e *Pierre Corneille*, de 1933, entre outros.

Judeu, filho de um rabino, Klemperer nasceu em Landsberg/Warthe, em 1881. Embora convertido ao protestantismo, isso não impediu que Klemperer sofresse perseguições do regime nazista que culminaram em sua demissão do cargo de professor em 1935. Durante os anos mais terríveis do nazismo, Klemperer e sua mulher conseguiram sobreviver da maneira mais dramática e escapar ao campo de concentração e à morte, até que, com a rendição da Alemanha, pudessem retornar à sua casa em Dresden, abandonada muitos anos antes por imposição da Gestapo. Em 1945, retomou seu cargo de professor na Universidade de Dresden, atuou, igualmente, em outras universidades da então RDA, foi eleito membro da Academia Alemã das Ciências, em Berlim, em 1953. Durante esses anos, foram editadas outras obras dedicadas à literatura francesa, algumas delas foram publicadas depois de sua morte, em 1960.

Faltam-me dados para afirmar se a produção científica de Klemperer continua a atrair a atenção de estudiosos e pesquisadores da literatura francesa, principalmente, por isso a formulação cuidadosa do início, a de que Klemperer, muito provavelmente seria um desconhecido hoje em dia, considerando-se apenas o âmbito de seus estudos literários. No entanto, a publicação dos diários com a autorização da segunda mulher de

Klemperer, cujos manuscritos tinham sido doados à biblioteca da Universidade de Dresden após a sua morte, produziu um considerável efeito na Alemanha e nos países em que foram publicados e o nome de seu autor está hoje mais vivo do que nunca.

Klemperer praticamente durante toda sua vida escreveu diários. A publicação dos primeiros dois volumes dos diários traz a data inicial de 20 de novembro de 1918, talvez por uma decisão de seus editores, marcando o retorno de Klemperer dos campos de batalha da Primeira Guerra Mundial. Esses dois primeiros volumes, com o título de *Colecionar vida, sem perguntar para quê e por quê*, num total de cerca de 2.000 páginas, foram publicados em 1996. Um ano antes, em 1995, foram publicados os dois volumes subsequentes, que abrangem os anos de 1933 a junho de 1945, outras 1.800 páginas, com o título de *Quero prestar testemunho até o fim*. Além disso, foi publicado um pequeno volume, com as anotações de Klemperer até o fim do ano de 1945, sob o título *E assim tudo está oscilando*, com a primeira edição de 1995. Antes de tudo isso, em 1989, surgiu a primeira edição do *Curriculum Vitae* do autor, com memórias abrangendo os anos de 1881 a 1918. Desconheço a repercussão dessa publicação, mas posso afirmar que a reedição de 1996 só fez aumentar o interesse por toda essa obra que virou uma espécie de best-seller. Completando a série, é necessário mencionar um conjunto de ensaios publicados sob o título de *LTI (Lingua Tertii Imperii)*, a Linguagem do Terceiro Reich, contendo material preciosíssimo, diga-se de passagem, coletado durante o regime nazista ao qual Klemperer faz menção e comentários nos diários desses anos. Também a idéia do *Curriculum* germinou durante essa mesma época e os leitores dos diários podem acompanhar a evolução dos dois projetos.

Todo esse material constitui, portanto, a história de uma vida muito peculiar e muito alemã, que vai desde o nascimento de Klemperer, no fim do Império, passando pela Primeira Guerra Mundial, República de Weimar, a devastação do nazismo, a Segunda Guerra Mundial, até os primeiros meses da administração soviética na zona de ocupação que seria pouco depois a RDA. O que surpreende é que, ao lado de sua atividade profissional que envolveu o jornalismo no começo, depois a docência, a pesquisa e atividades administrativas relevantes, e ao lado do cotidiano do-

méstico, Klemperer achava tempo para descrever praticamente todos os dias tudo o que lhe acontecia e o que passava à sua volta. E não se trata de relatos puramente subjetivos apenas, e sim de observações minuciosas, detalhadas, precisas e objetivas, de todos os acontecimentos que ilustram praticamente a história europeia e mundial e, particularmente, alemã, de quase um século.

No que se refere aos diários de 1933 a 1945, os relatos atingem uma dramaticidade impressionante, não só pelos acontecimentos narrados, mas pelo fato de Klemperer, à medida que o regime nazista ia se brutalizando cada vez mais, não perdia a coragem, como indica o título dado a esses diários, uma citação tirada de uma anotação do autor; pelo contrário, escrevia em folhas, tiras de papel, beirinhas de jornal, escondidas da fúria da Gestapo que submetia as *Judenhäuser*, as casas onde eram reunidos os judeus remanescentes de Dresden, a buscas domiciliares que acabavam geralmente com a deportação e a morte. Os manuscritos eram, à medida que se avolumavam, levados sob condições de grande perigo até a casa de uma amiga que os manteve escondidos até o fim da guerra. Explica-se, neste fim de século que procura passar-se a limpo, sem deixar grandes dívidas abertas com o passado, portanto, o impacto, a comoção e o interesse que esses dois volumes dos diários provocaram, chegando a ser comparados em sua autenticidade documental ao diário de Anne Frank. Na verdade, a meu ver, é necessário apontar para diferenças marcantes entre os dois textos: Anne Frank anota o dia-a-dia no esconderijo de uma casa de Amsterdam, onde a família se refugiou durante alguns anos da ocupação nazista na Holanda, até ser encontrada e deportada para o campo de concentração. Seu diário revela a visão da adolescente relativa a si mesma, à família e aos acontecimentos do lado de fora. O diário de Klemperer aborda, por um lado, toda a duração do Terceiro Reich, por outro, seu relato é necessariamente mais objetivo, por se tratar de um intelectual maduro, preocupado sempre em analisar e interpretar os acontecimentos inserindo-os num contexto que vai além de seu destino pessoal.

Somente aproximando-se o fim da guerra, Klemperer aventa a possibilidade da publicação de seu diário referente ao período nazista, ao compreender a importância de suas anotações do cotidiano, de suas aná-

lises de discursos, textos de jornais, do poder da propaganda maciça e avassaladora, e assim por diante. Mas não foi essa a intenção desde o começo. A questão toda era escrever diários, gostava de escrever, tinha sido jornalista, queria embrenhar-se um dia pela ficção – como aconteceu de certa forma com o relato autobiográfico *Curriculum Vitae*. Simples? Simples para quem os lê agora, passadas décadas, e descobre a atualidade do que descreveu e a objetividade e clareza de suas análises. Mas como tentar classificar seu texto, explicá-lo e interpretá-lo?

Os quatro volumes dos diários de Klemperer caracterizam-se pela minúcia dos relatos, não simplesmente um amontoado de acontecimentos sucessivos que constituíram sua vida, mas ao lado da subjetividade que determina, certamente, esse tipo de texto, onde o autor se expõe a si e aos outros por vezes de maneira não muito lisonjeira, ele, igualmente, cerca-os de comentários críticos, objetivos, interpretando e analisando, por assim dizer, suas próprias impressões. Há nisso, sem dúvida, algumas peculiaridades que devem ser apontadas. Sem querer entrar em questões estereotípicas ou preconceituosas, a obsessão de Klemperer em deixar anotado o seu dia-a-dia, com detalhes e minúcias por vezes exaustivos, tem a ver, na minha aceção, com uma série de particularidades. Os judeus do leste europeu, em sua eterna rivalidade com os judeus alemães – e vice-versa – apontavam nesses a exacerbação da *deutsche Gründlichkeit*, a meticulosidade alemã levada a extremos. De certa forma, é o que ocorre nos textos de Klemperer; ao lado disso, o “ceticismo ou pessimismo judaico”, conforme o autor mesmo assevera, ou se quisermos simplificar, uma dose de mau humor, típica dele, está sempre presente, dando um certo anticlímax que o recoloca com os pés na realidade objetiva, analisável, porque submetida à razão. Contestável seria sempre a subjetividade, sujeita a emoções fugazes. Não se esqueça, porém, do orgulho nacional alemão que jamais o abandonou, tampouco do orgulho e da autoridade da cátedra universitária, que se faz presente em muitos trechos.

Trata-se, portanto, de anotações de um sujeito que escreve para si mesmo. Pois, num diário, fala-se com ninguém mais, a não ser consigo mesmo, conforme diz Canetti em seu ensaio *Diálogo com o Interlocutor Cruel* (CANETTI 1990). No entanto, são, de fato, duas pessoas a dialogar, como

pode se observar claramente também no texto de Klemperer. Um sujeito narrador e um “eu fictício a quem nos endereçamos [...] e que realmente nos ouve. Ele está sempre a postos; nunca nos dá as costas. Não simula interesse; não é gentil. Ele não nos interrompe; deixa-nos falar. Não é só curioso, mas também paciente. [...] Não é só paciente, mas também malévolo. Não deixa passar nada, vê tudo. Registra o menor detalhe, e, assim que nos pusermos a dissimulá-lo, apontará para ele com veemência. [...] Seu instinto para detectar manifestações de poder ou vaidade é enorme. Naturalmente favorece-o o fato de nos conhecer a fundo.” (p. 61-62)

O ensaio de Canetti dá mais alguma clareza à tentativa de explicar, neste caso específico, os trechos da viagem de Klemperer à América do Sul e, em particular, os poucos dias que passou no Rio de Janeiro, o constante jogo entre sujeito e objeto, entre subjetividade e objetividade, entre emoção e razão que perpassa o texto. É esse jogo dialético que enriquece as descrições de Klemperer, dando para nós leitores de hoje, que conhecemos o Brasil e o Rio de Janeiro, a oportunidade de avaliar a sua importância histórica propriamente dita, a acuidade jornalística, a análise crítica social, a expectativa subjetiva do europeu diante dos trópicos, a emoção da expectativa satisfeita e a decepção provocada pela racionalidade desse mesmo europeu.

À guisa de exemplo do que foi mencionado acima chamamos a atenção para alguns trechos do texto do diário de Klemperer, traduzidos por mim (KLEMPERER 1996)<sup>1</sup>.

Em primeiro lugar, há que se destacar um exemplo da descrição detalhada de Klemperer do Rio de Janeiro, chamando-se a atenção para a minúcia que perpassa o texto e a tentativa de seu autor de conseguir uma objetividade racional e distanciada, através da depuração da impressão subjetiva. Sempre presente no texto, portanto, a tentativa de análise e interpretação própria do intelectual:

<sup>1</sup> Os números entre parênteses remetem às páginas do original. Observações entre parênteses são de autoria da tradutora.

“Sexta-feira à noite, 31 de julho, 20:30h, ao sul do Rio de Janeiro Poder-se-ia, certamente, fazer uma descrição cartográfica da baía e da cidade. Mas uma *descrição* se perderia em impressões, pois a característica do todo é não-clássica, dissolução, dilaceramento. E não apenas porque devido à movimentação do navio a costa se torna uma baía redonda, com ilhas, fiordes, colinas, serras, corcovas, para então dobrar-se novamente numa linha que se desloca constantemente, e sim porque, também numa observação calma e sem inibição, o sol ofuscante, com certeza sempre presente, mesmo através da névoa, despedaça tudo grotescamente e rompe tudo inquietamente e de maneira caprichosamente confusa. Mas uma riqueza imensa de impressões. O super-bizarro das formas dos morros. Na altura de Fernando de Noronha, apareceu pela primeira vez. A forma de um dente torto ou de um dedo ou de um punho com o dedão levantado. No Rio, aparece duas vezes. O Pão de Açúcar, onde o estreito cabo do teleférico se estende do punho até o dedão, e, como uma verruga, a estação lá em cima e – mais majestoso – o Corcovado. Além disso, um maciço como um gigante deitado de nariz anguloso e testa arqueada e pés como numa imagem de um sarcófago medieval, além disso, rochedos que lembram a Suíça saxã, e, ao longe, uma cadeia de montanhas denteadas, mas maciças e, no meio de tudo isso, partes da cidade e faixas d’água e ilhas e fortes e navios de guerra e de transporte no ancoradouro e navios a vapor e as montanhas, em parte, rochedos nus, em parte, cobertos de vegetação. E do verde-escuro vêm-se emergir as palmeiras. A primeira grande impressão foi a de ter divisado claramente palmeiras num morro. Ficamos parados no meio da baía, muito tempo depois da caída da noite, sem nos movimentar, até que as autoridades liberassem o navio, fomos deslizando, à noite, às 8 horas, devagar, lentamente, até um pier. Houve um grande empurra-empurra até que nos devolvessem os passaportes, que o comissário já tinha solicitado há dias, até que pudéssemos descer à terra. [...] Sentamo-nos num grande salão, imaculadamente limpo, café, restaurante, venda de charutos e cartões, bar. Serviram-nos o mais forte e o mais puro café em pequenas xícaras, cada xicrinha por 200 réis, aproximadamente, 10 pfennigs. Foi um deleite enorme. [...] Já nessa noite de ontem, achei a Avenida Branco (sic); com certeza elegante, limpa e rica e todo o jeito da cidade substancialmente melhor que naquela Lisboa miserável, decadente e rapace – tive, porém, a impressão de uma armadilha. [...] A imagem noturna da cidade e do porto com seu jogo de luzes na água e sobre ele foi maravilhosa.

Levantamo-nos antes do amanhecer, pois estava marcada uma grande excursão de carro para às 7 horas. Esta excursão, das 7 às 10 horas, proporcionou-nos muito, demais. O luxo dos edifícios e o esplendor das ruas da cidade. Entre tudo isso, terrenos vazios. Os enormes pavilhões ou construções de uma antiga exposição. Ruas inteiras em construção ao longo da água. Que água? Ora mar, ora lagoa, non si sa mai. Mas a atração propriamente dita, ruas de palmeiras de um esplendor incrível. Palmeiras de várias espécies. Bananeiras. Uma delas com uma flor violeta, em forma de bulbo. [...]” (97/98)

O permanente jogo entre a emoção ou a subjetividade e a razão ou a objetividade é característica marcante dos trechos em questão. Ressalte-se, por um lado, a constante tentativa de não permitir que emoções tomem conta da mente racional própria do intelectual e, por conseguinte, o temor que tais emoções obstruam o distanciamento crítico necessário à objetividade. Por outro lado, o mencionado “ceticismo ou pessimismo judaico” que o próprio Klemperer considera um dado marcante de sua personalidade, certamente deve ser apontado, provocando constantemente o anticlímax necessário ao raciocínio de que as coisas talvez não sejam exatamente o que parecem, fazendo com que o autor recoloque os pés na realidade objetiva. O texto de Klemperer exemplifica reiteradamente essa característica. Assim:

“No geral, toda essa emoção já chega para mim, ela entorpece um pouco à medida que o tempo passa.” (94) “O céu estrelado também seria lindo se não exigíssemos dele uma particularidade tropical que ele não apresenta. Que *estrelas* formam então o famoso Cruzeiro do Sul? Por si mesmas, elas certamente não o revelam.” (95) “Talvez eu esteja vendo tudo especialmente negro – mas, certamente, há um certo tom negro nisso tudo. [...] Em relação à costa americana, aconteceu comigo algo igual ao que ocorreu ao homem do conto de fadas que ficou murmurando o seu desejo um dia inteiro, e, no entanto, acabou deixando escapar o único instante da eficácia.” (95) “E esta é a impressão do novo continente em sua primeira aparição. Cômico? Trágico? Cotidiano. Depois mostraram-me o ‘Cruzeiro do Sul’ e ele aparecia bem fraco e deplorável.” (96) “[...] desta vez certamente a América. (Poderia, da mesma forma, ser a Pomerânia ou a ilha de Rügen).” (97) “Agora estamos propriamente na baía do Rio de Janeiro com sua formação de morros fantástica e grotesca. [...] E, no entanto, são linhas incrivelmente

te fantásticas, mas nada mais que linhas, superfícies, costa.” (97) “[...] o sol ofuscante, com certeza sempre presente, mesmo através da névoa, despedaça tudo grotescamente e rompe tudo inquietamente e de maneira caprichosamente confusa.” (97) “A primeira grande impressão foi a de ter divisado claramente palmeiras num morro.” (97)

O contraponto acontece páginas depois, revertendo a emoção:

“[...] e aqui se vêem os mais empoeirados e mesquinhos exemplares que se encontram no Rio inteiro.” (130) “Agora o tour pela Tijuca, uma meia ou quase inteira decepção. [...] E, no entanto, foi uma viagem grandiosa.” (130) “A vista para o mar azul faiscante com algumas ilhotas de pedras no meio é maravilhosa, mas não tão ricamente divina quanto uma vista parecida em Nápoles.” (130)

Num terceiro conjunto de exemplos, chama a atenção a capacidade de percepção crítica de Klemperer ao captar as diferenças sociais já flagrantes no Rio de Janeiro de 1925, não só entre ricos e pobres, edifícios e mansões luxuosos e as favelas, mas as próprias diferenças existentes entre os mais afortunados, pela descrição de bairros onde, sem dúvida, morava a classe média carioca, apontando a própria topografia carioca como fator de separação entre classes:

“Todos esses bairros são desparat, não vejo nenhuma relação entre eles, espremem-se de alguma maneira entre mar e morros.” (100) “O que guardarei do *Rio de Janeiro* será o seguinte. Principalmente, a longa rua estreita, ornada de imensas palmeiras; um palácio, atrás dele, um morro fantástico, creio que o Corcovado, dá o arremate. – A aldeia dos negros. As encostas de um morro e subindo de maneira confusa através do verde (palmeiras, bananeiras): casebres, aqui e ali, caramanchões de ripas de madeira, freqüentemente, por cima deles fixada com pregos, uma cobertura de velhos pedaços de lata, algumas vezes, camadas de argamassa. Vislumbram-se uma cama branca, imagens de santos, um pequeno fogareiro de lata ou um recipiente de carvão ... Formigueiro de crianças negras de olhos bonitos, cabeças expressivas, mulheres de vestidos estampados. No meio disso, uma mulher de sangue índio. Em muitos morros, tais aldeias, diretamente ao lado dos edifícios de luxo do centro da cidade. E todo esse primitivismo que se constrói de restos da civilização [...]” (99) “[...] E

acima de tudo isso, no céu azul pálido, voam pássaros bastante imponentes – urubus, diz o guia, nos quais não se deve atirar, porque formam aqui a ‘polícia sanitária’. Vê-se um bando deles dirigindo-se para um determinado lado e descendo. Não consegui ver nenhum urubu pousado ou nas proximidades. No entanto, ou justamente talvez por isso, permanecerá o seguinte: os pássaros negros voando em círculos no ar fulgurante acima da vegetação e da multidão, decomposição sobre a vida mais exuberante, natureza na máxima potência.” (100)

Várias passagens da descrição da viagem de Klemperer ao Rio de Janeiro revelam uma série de curiosidades que não só chamaram a atenção do autor, conforme exemplifica no texto, mas, igualmente, chamam a nossa atenção como leitores brasileiros a mais de 70 anos de distância no tempo, uma vez que apontam para certas características típicas do Brasil. A extrema e enervante burocracia por certo não é um privilégio brasileiro, mas nós, brasileiros, a consideramos parte inseparável e insuperável do nosso dia-a-dia, assim, tanto lá como cá:

“Segundo ele (o comandante do navio), a polícia portuária comporta-se feito Deus, é toda-poderosa. Pobre Alemanha – lembro-me que, em 1905, em Roma, ameacei um funcionário do correio com a embaixada alemã porque selou uma carta expressa como carta registrada e não queria desfazer o seu erro. Quem está levando a pior são os passageiros para o Brasil que foram vacinados há algumas semanas na Alemanha, conseguiram que o médico do posto de saúde e o cônsul lhes dessem o atestado de vacinação com firma reconhecida, e agora vão ter que ser vacinados novamente.” (93/94)

O brasileiríssimo cafezinho, nossa marca registrada desde sempre, encantou Klemperer e os participantes da viagem pela América do Sul, como se observa no trecho seguinte:

“Serviram-nos o mais forte e o mais puro café em pequenas xícaras, cada xicrinha por 200 réis, aproximadamente, 10 pfennigs. Foi um enorme deleite.” (97)

Por outro lado, suas observações sobre o local, a cafeteria, e o que é servido ali, apontam para certas regras sociais de conduta próprias da época e, por isso, curiosas também para nós leitores de hoje:

“Café [...] não é ‘fashionable’, nos lugares elegantes [...] não há, literalmente, não há café. As pessoas finas tomam chá ou chocolate, essas confeitarias ou salões não servem café. [...] A cafeteria, por sua vez, não é lugar para mulheres. Estrangeiras podem freqüentá-las [...]” (132)

Para finalizar, é importante realçar sempre que em relação aos diários de Klemperer trata-se de textos não-ficcionais, de valor documental, histórico e jornalístico, que lidam, contudo, com o imaginário europeu e a expectativa de um viajante diferenciado pela cultura e tradição alemãs, principalmente, diante do exotismo tropical. Durante a leitura dos trechos da viagem de Klemperer pela América do Sul, no caso de nossos exemplos, a visita ao Rio de Janeiro, fica patente a dificuldade de catalogar certas impressões sob um conceito ou uma definição generalizante ou racional. O trecho seguinte comprova essa afirmação:

“A vista daqui de cima (do Pão de Açúcar) oferece uma imagem como a que se vê em fotos aéreas, para nós a mais incrível e mais original imagem. Mas, impossível de se captar em detalhes, e para mim foi um consolo que Eva (a mulher de Klemperer) também afirmasse ser esta confusão toda impossível de ser captada.” (131)

“Que lugar é esse?”: quem sabe uma paráfrase da pergunta que nós brasileiros nos permitimos fazer freqüentemente em relação ao nosso país tenha perpassado a mente de Klemperer naquele momento e talvez seja a dificuldade de encontrar as muitas respostas que envolvem a pergunta a definição mais característica para o Brasil, leia-se, principalmente, o Rio de Janeiro, tanto naquela época quanto agora.

## Referências bibliográficas

- CANETTI, Elias. *A consciência das palavras*. São Paulo, Companhia das Letras, p. 55-71, 1990.
- KLEMPERER, Victor. *Leben sammeln, nicht fragen wozu und warum, Tagebücher 1925-1932*. Vol. II, Berlin, Aufbau-Verlag, 1996.